

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS TRABALHADORES INDEPENDENTES NA UNIÃO EUROPEIA

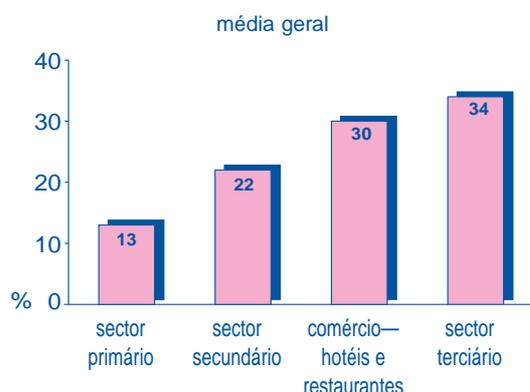
O presente resumo baseia-se numa análise dos resultados do Segundo Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho levado a cabo em 1996 pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho (ver pág. 7).

A análise foi baseada numa sub-população de 2 688 trabalhadores independentes.

- O trabalho independente representa 18% do emprego total na União Europeia. A população que exerce uma actividade profissional independente é predominantemente masculina (60% de homens, 34% de mulheres) e tem uma idade acima da média da população com trabalho assalariado.
- Dois terços dos trabalhadores independentes estão concentrados no sector terciário (34%) e nos sectores do comércio, hotelaria e restauração (30%). O trabalho independente no sector terciário está a tornar-se mais predominante (em detrimento dos sectores primário e secundário) representando, no caso dos empregos independentes ocupados há menos de um ano, para cima de 75% de empregos (44% em serviços e 32% em actividades comerciais, hotelaria e restauração).
- Os trabalhadores independentes mais expostos a **riscos físicos** durante o seu trabalho são os trabalhadores do sector primário seguidos de trabalhadores do sector secundário (e em especial os trabalhadores do sector da construção).
- Mais de metade dos trabalhadores independentes trabalha sob pressão devido ao **ritmo e velocidade do trabalho**. As pressões sofridas pelos trabalhadores do sector primário e do sector hoteleiro e de restauração devem-se à velocidade a que as tarefas devem ser realizadas (trabalho de alta velocidade); estão igualmente mais expostos a horas de trabalhos mais longas e a trabalho de turnos. As pressões sofridas pelos operários e os trabalhadores independentes no sector terciário são devidas à organização da produção (prazos curtos e rígidos).
- Os problemas da **saúde física** afectam, em especial, os trabalhadores independentes dos sectores primário e secundário. Os trabalhadores independentes do sector terciário estão mais expostos, todavia, a problemas de saúde de natureza psicológica. Os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração estão mais expostos ao stress do que os outros trabalhadores. No sector primário, verifica-se uma exposição considerável a problemas de saúde físicos e psicológicos.
- Os trabalhadores independentes do sector secundário e do sector terciário têm um maior grau de **satisfação no trabalho**: 84% dos trabalhadores do sector secundário e 88% dos trabalhadores do sector terciário consideram que estão a aprender coisas novas em comparação com 71% dos comerciantes, 67% de trabalhadores agrícolas e apenas 54% de trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração.
- Pode-se construir uma **nova tipologia de trabalhadores independentes** com base na qualidade das suas condições de trabalho e no seu interesse pelo trabalho que efectuam. Os trabalhadores independentes no sector terciário situam-se ao cimo da tabela de avaliação e os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração e, em especial, os trabalhadores independentes do sector primário situam-se no outro extremo da tabela.



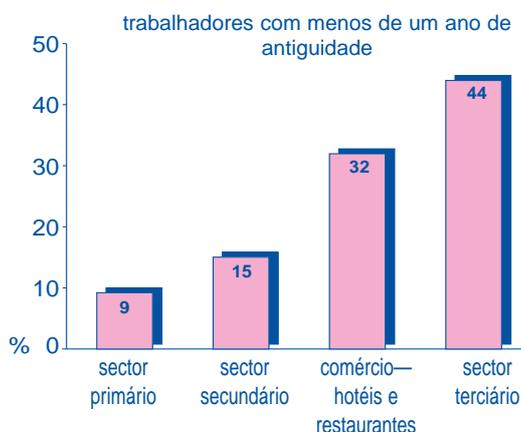
Na Europa, menos de um trabalhador em cinco tem uma actividade profissional em regime independente (18%). Em termos absolutos, a percentagem de trabalhadores independentes está a diminuir, visto que esse número é apenas de 10% para os empregos ocupados há menos de um



trabalhadores independentes (detalhe)

Gráfico 1

ano. O trabalho independente está a aumentar no sector terciário (mais 2% nos hotéis e restaurantes; +8% nos outros serviços) em detrimento dos sectores primário e secundário (Gráficos 1 e 2).



trabalhadores independentes (detalhe)

Gráfico 2

Distribuição por país

O trabalho independente situa-se acima da média europeia em três países do sul da Europa: 46% na Grécia, 33% na Itália e 31% em Portugal. A percentagem de trabalhadores independentes é mais baixa na Suécia (8%), Dinamarca (8%) e Países Baixos (10%).

A distribuição global dos trabalhadores independentes difere nos Estados-membros da UE: a maior percentagem de trabalho independente situa-se no sector primário na Grécia, Finlândia e Irlanda e no sector terciário na Suécia, Reino Unido e Bélgica; o comércio tem a percentagem mais importante em Espanha; a percentagem de operários é mais elevada do que a

média na Alemanha e no Reino Unido (Gráfico 3).

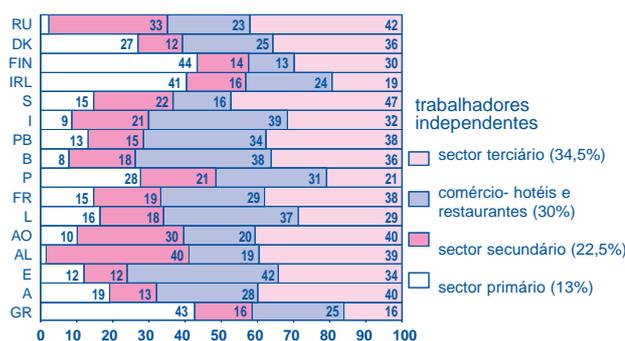


Gráfico 3

Características dos trabalhadores independentes

As mulheres constituem apenas um terço dos trabalhadores independentes. É no sector secundário, que inclui os trabalhadores da construção e da indústria transformadora, que se encontra o maior número de trabalhadores independentes de sexo masculino.

O número de trabalhadores independentes de sexo feminino está a aumentar, visto que constitui 39% dos trabalhadores independentes que ocupam o seu emprego há menos de um ano (este aumento está a ter lugar em todos os sectores). Consequentemente, a percentagem de mulheres aumenta à medida que a idade diminui (as mulheres constituem 42% dos trabalhadores independentes de idade inferior a 25 anos e

apenas 29% dos trabalhadores independentes de idade superior a 55 anos.

Apenas 30% de todos os trabalhadores independentes está inserido no grupo etário inferior a 35 anos. O grupo etário inferior a 25 anos (5% do total) trabalha na sua maioria nos sectores do comércio e de hotelaria e restauração (10%). Os trabalhadores independentes mais idosos (55 anos ou mais) estão claramente sobre-representados no sector agrícola (27% em comparação com a média de 17%). (Quadro 1)

Enquanto as percentagens globais são semelhantes em termos da duração dos estudos, existem diferenças consideráveis entre os vários sectores. Os trabalhadores do sector terciário tiveram um período de escolaridade mais longo, mas o inverso verifica-se para os trabalhadores do sector primário. (Quadro 1)

%	Sector primário	Sector secundário	Comércio hotéis e restaurantes	Sector terciário	UE
<i>Idade</i>					
15-24	1	3	10	4	5
25-34	25	25	24	26	25
35-44	20	30	24	36	29
45-54	27	26	25	20	24
55+	27	16	17	14	17
<i>Idade no fim dos estudos</i>					
> 16	53	31	36	16	31
16 to 19	36	40	43	37	39
20 +	11	29	21	47	30

Quadro 1

■ Exposição a riscos físicos

Em geral, os trabalhadores agrícolas e outros independentes do sector primário estão mais expostos a desconfortos físicos derivados do seu trabalho (tarefas repetitivas, manipulação de produtos perigosos, etc.) ou do ambiente de trabalho (temperaturas muito elevadas ou muito baixas, ruídos, etc.).

Os trabalhadores independentes do sector secundário estão também mais expostos do que a média a determinados factores de desconforto físico, em especial os trabalhadores do sector da construção (30% dos quais sofre de posições incómodas). Os trabalhadores independentes do sector terciário estão menos expostos, enquanto os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração estão mais expostos a estes factores de desconforto físico (Quadro 2)

<i>(factores de desconforto sofridos pelo menos durante um quarto do tempo de trabalho)(%)</i>	Sector primário	Sector secundário	Comércio-hotéis e restaurantes	Sector terciário	UE
posições dolorosas ou fatigantes	82	59	51,5	40	53
cargas pesadas	73	46	38	24,5	40
baixas temperaturas (no interior ou no exterior) do local de trabalho	61	35,5	19	8	24,5
respiração de vapores ou substâncias perigosas	42	32,5	19,5	15	24
ruídos intensos	43	34	17	14	23
temperaturas que causam transpiração mesmo quando não se está a trabalhar	52	16	18	10,5	19,5
manipulação de substâncias ou materiais perigosos	33,5	19	9	8	14

Quadro 2

■ Velocidade e ritmo de trabalho

A maioria dos trabalhadores independentes tem um ritmo intenso de trabalho: 52% devido à necessidade de satisfazer prazos curtos e 52,5% porque as tarefas devem ser realizadas a alta velocidade. Estes dois tipos de pressão reflectem diferentes situações de trabalho e afectam os trabalhadores independentes de várias maneiras, de acordo com o sector em que trabalham. O trabalho a alta velocidade, mais relacionado com a organização das tarefas, é realizado na sua

maior parte por trabalhadores agrícolas e trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração. Prazos muito curtos, ligados aos prazos de entrega e ao planeamento da organização do trabalho são mais frequentes junto dos trabalhadores independentes nos sectores secundário e terciário (Quadro 3).

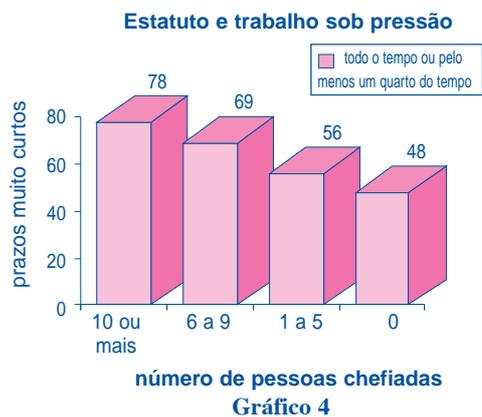
As pressões relacionadas com a necessidade de satisfazer prazos muito curtos estão ligadas ao próprio estatuto de trabalhador independente. Os

empregadores¹ estão mais expostos a este tipo de pressão do que aqueles que trabalham sozinhos, especialmente quando empregam um número elevado de pessoas.

Trinta e três por cento dos trabalhadores agrícolas, 40% dos trabalhadores do sector secundário, 39% dos comerciantes e 37% dos trabalhadores independentes do sector terciário empregam outros trabalhadores. À luz destas percentagens relativamente semelhantes, as diferenças reveladas poderão ser explicadas pelo tipo de sector. Por sua vez, no âmbito de cada sector, os trabalhadores independentes que empregam outros têm mais probabilidades de estarem sujeitos a prazos muito curtos.

(Gráfico 4)

Considerar que não há tempo suficiente para acabar o trabalho é sinónimo de sofrer pressão de



tempo. Esta impressão de falta de tempo é mais comum entre os trabalhadores agrícolas e é especialmente frustrante pois este grupo de trabalhadores também está exposto a trabalho de alta velocidade. (Gráfico 4 e Quadro 3)

%	Sector primário	Sector secundário	Restaurantes e hotéis	Comércio	Sector terciário	UE
prazos curtos e rígidos (pelo menos durante um quarto do tempo)	46	61	34	38	60	52
trabalho a alta velocidade (pelo menos durante um quarto do tempo)	60	55	61	43	52	52,5
tempo insuficiente para terminar o trabalho	21	16,5	9	15	15,5	16

Quadro 3

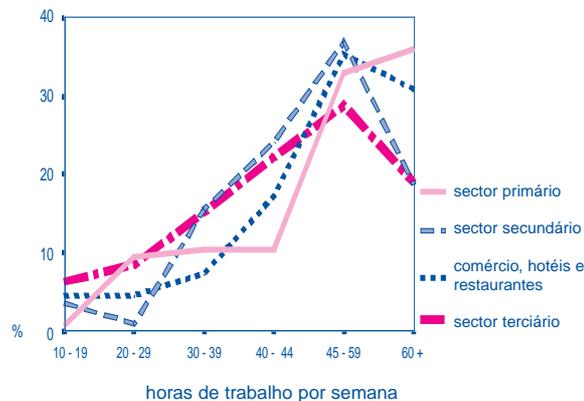
■ Horários de trabalho

Os trabalhadores independentes trabalham uma média de 47 horas por semana.

Os trabalhadores agrícolas e outros do sector primário, que trabalham para cima de 60 horas por semana, constituem a maioria deste grupo. Os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração também tendem a trabalhar horários muito longos.

Se examinarmos a curva de distribuição, a ponta mais nítida refere-se aos trabalhadores independentes do sector secundário. Este grupo trabalha uma média de 46 horas por semana.

No sector terciário, embora haja uma concentração à volta do ponto médio, a curva é menos pronunciada devido à variedade do número de horas trabalhadas neste grupo, que inclui igualmente os horários de trabalho mais curtos (menos de 30 horas por semana). (Gráfico 5)



Vinte e oito por cento dos trabalhadores independentes trabalha menos de uma noite por mês. Os trabalhadores no sector hoteleiro e de restauração são atípicos neste caso, visto que

%	Sector primário	Sector secundário	Comércio	Hotéis e restaurantes	Sector terciário	UE
Trabalho nocturno, pelo menos uma vez por mês	36	22	16,5	62	31,5	28
Trabalho ao domingo, pelo menos uma vez por mês	79,5	39,5	39	74,5	44	48
Trabalho ao sábado, pelo menos uma vez por mês	83	92	89	96,5	75,5	83

Quadro 4

¹ Assume-se que os trabalhadores independentes que chefiam pelo menos uma pessoa (Q9 do questionário) são os empregadores dessa(s) pessoa(s). Embora esta estimativa não seja exaustiva, realça, todavia, a ligação entre o nível de responsabilidade hierárquica e o trabalho executado sob pressão.

quase dois em três trabalham à noite. Juntamente com os trabalhadores agrícolas, são também os mais afectados pelo trabalho ao domingo. (Quadro 4). O trabalho ao sábado é comum entre os trabalhadores independentes, dos quais uma

média de 83% trabalha pelo menos um sábado por mês (este é o caso para quase todos os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração). (Gáfico 5 e Quadro 4)

■ Saúde

Quanto mais longos são os horários de trabalho, maiores são os problemas de saúde (ou as queixas são mais vocalizadas). Este facto é confirmado pelos trabalhadores independentes do sector primário, 73,5% dos quais considera que o seu trabalho afecta a sua saúde (em comparação com uma média de 60,5%) e pela grande percentagem de problemas relacionados com a saúde física, em especial dores de costas (60,5% em comparação com uma média de 33%) e dores musculares (39% em comparação com 20%). (Quadro 5)

Em geral, existe uma grande diferença qualitativa entre os trabalhadores manuais, que estão mais expostos a problemas de saúde física, e os trabalhadores não manuais, mais expostos a problemas de saúde psicológica (stress, dores de cabeça, fadiga geral).

Enquanto os trabalhadores independentes do sector secundário são menos afectados por problemas psicológicos do que os outros

trabalhadores, os trabalhadores do sector primário combinam ambos estes tipos de problemas de saúde.

Os trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração sofrem os níveis mais elevados de stress (48%) seguidos dos trabalhadores independentes do sector terciário e do sector agrícola.

Os comerciantes estão, em geral, menos expostos a problemas de saúde, quer físicos ou psicológicos.

Quando os problemas de saúde ocasionados pelo trabalho em condições difíceis se tornam crónicos (o caso de um terço dos trabalhadores agrícolas), isso pode representar uma “ameaça real à saúde”. Para cima de metade (52%) dos trabalhadores independentes do sector primário, que sofrem diversos tipos de problemas de saúde e de problemas crónicos em números mais elevados, considera que o trabalho constitui uma ameaça à sua saúde ou segurança.

%	Sector primário	Sector secundário	Hotéis e restaurantes	Comércio	Sector terciário	UE
“o trabalho afecta a minha saúde”	73,5	62	63	56	58	60,5
saúde e segurança em risco devido ao trabalho	52	34	27,5	26	22	30
dores de costas	60,5	37	31	26	25	33
fadiga geral	35	18,5	34	26	18	23
dores musculares nos braços e pernas	39	23	22	14,5	14	20
dores de cabeça	18,5	10	15	9	12,5	12
stress	34,5	31	48	30,5	35	33
problemas de saúde crónicos ou permanentes	34	16	13	21	13	17

Quadro 5

■ Perfil do trabalho

O número mais elevado de trabalhadores que executam tarefas repetitivas pode ser encontrado nos sectores agrícola, hoteleiro e de restauração. Evidentemente, estes sectores também incluem o número mais elevado de trabalhadores que considera o seu trabalho monótono.

Os trabalhadores do sector secundário são o maior grupo a considerar que o seu trabalho requer tarefas complexas. Juntamente com os trabalhadores independentes do sector terciário,

são também a maior percentagem a considerar que estão a aprender novas coisas do seu trabalho.

Dois terços dos trabalhadores agrícolas, que tendem a considerar o seu trabalho monótono, também tendem a considerar que o seu trabalho é valorizante, embora este seja o caso de apenas 54% dos trabalhadores do sector hoteleiro e de restauração. Os comerciantes têm um nível médio de interesse no seu trabalho, poucos consideram o seu trabalho monótono ou complexo, mas 71% consideram-no valorizante (em comparação com uma média de 78,5%). (Quadro 6)

(factor de desconforto sofrido) %	Sector primário	Sector secundário	Restaurantes e hotéis	Comércio	Sector terciário	UE
movimentos repetitivos da mão ou braço (pelo menos durante um quarto do tempo)	81	64	73	54	49	59
tarefas repetitivas de curta duração (pelo menos durante um quarto do tempo)	50,5	31,5	52	42	29	37
tarefas monótonas	52	36	49	36	37	40
tarefas complexas	51	75,5	37	46	64	59,5
aprendizagem de novas coisas	66,5	84	54	71	88	78,5

Quadro 6

■ Tipologia sugerida

Estes indicadores da qualidade das condições de trabalho, por um lado, e de valorização e interesse do trabalho, por outro, tornam possível ultrapassar a falta de comparabilidade inicial da população de trabalhadores independentes visto que é possível identificar:

- as pessoas que combinam condições de trabalho difíceis (ou mesmo perigosas) com a pouca satisfação no trabalho: trabalhadores independentes no sector primário e, num menor grau, trabalhadores no sector da hotelaria e restauração;
- as pessoas cujas condições de trabalho são difíceis, mas cujo trabalho lhes dá satisfação

peçoal: artesãos e trabalhadores independentes no sector secundário.

- as pessoas cujas condições de trabalho não são, em termos gerais, especialmente difíceis mas que têm apenas um interesse médio no conteúdo do seu trabalho: trabalhadores independentes no comércio e aqueles que se dedicam a pequenas reparações domésticas;
- o grupo de trabalhadores independentes que parece estar na melhor posição no que respeita à qualidade da sua vida de profissional (combinando condições de trabalho acima da média com a valorização de tarefas) são os trabalhadores do sector terciário.

Categorias utilizadas

A tipologia dos trabalhadores independentes (opção 1 da Q 7 (“é principalmente: 1) trabalhador independente; 2) a 5) diferentes categorias de assalariado) foi baseada nos sectores de actividade (código NACE), utilizando a distinção convencional de sector primário/secundário/terciário. Devido à dimensão do sector terciário, por um lado, e a sua falta de comparabilidade, por outro, as profissões relacionadas com o comércio, hotéis e restaurantes foram diferenciadas de todos os outros serviços.

O sector “administração pública” (obviamente respeitante aos funcionários públicos) foi excluído da análise, devido à inconsistência causada para essa sub-população (17 casos, isto é, 0,7% da sub-população).

Grupos de trabalhadores independentes	Código NACE	Total
Sector primário	A- trabalhadores agrícolas e florestais, caçadores B-pescadores	} 13,3% }
Sector secundário	C-mineiros e trabalhadores das pedreiras D-trabalhadores da indústria transformadora E-trabalhadores dos serviços de electricidade, gás e água F- trabalhadores da construção	}12,9% } 0,5% 8,9%
Sectores do comércio, hoteleiro e restauração	G-comerciantes retalhistas e a grosso, mecânicos de veículos e pessoal de reparação de artigos pessoais e domésticos H-trabalhadores em hotéis e restaurantes	24,1% 5,4%
Sector terciário	I-trabalhadores nos transportes e comunicações J-mediadores financeiros K-Trabalhadores do sector imobiliário, arrendamento,etc M a Q- outros serviços (educação, saúde,etc)	4,1% 3,7% 7,1% 19,4%

Quadro 7



O SEGUNDO INQUÉRITO EUROPEU SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

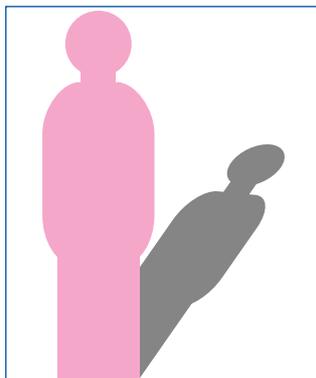
À medida que a integração social avança e o número de iniciativas relacionadas com o ambiente de trabalho aumenta a nível comunitário, tornam-se necessários dados mais exaustivos e comparáveis sobre as condições de trabalho na UE. A Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho realizou dois inquéritos sobre as condições de trabalho na Europa. Estes inquéritos constituem uma parte importante do trabalho da Fundação na área da saúde no trabalho.

O Primeiro Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho foi realizado em 1991 e abrangeu os então 12 Estados-membros da UE. Este foi um inquérito protótipo que incluiu cerca de vinte questões.

O Segundo Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho foi realizado em Janeiro de 1996 junto de 15 800 trabalhadores da UE. Mil trabalhadores de cada Estado-membro (15 em 1996) foram entrevistados simultaneamente sobre as suas condições de trabalho. A amostra era representativa da população activa (trabalhadores assalariados e independentes). As entrevistas, baseadas num questionário previamente elaborado, foram conduzidas fora do local de trabalho e individualmente. O questionário cobriu todos os aspectos das condições de trabalho: ambiente físico e concepção dos postos de trabalho, horários de trabalho, organização do trabalho e relações sociais no local de trabalho.

Os resultados do inquérito revelam que o stress e as doenças músculo-esqueléticas são os principais riscos de saúde no trabalho. O inquérito realça não só a necessidade de uma abordagem holística e multi-disciplinar da prevenção dos riscos profissionais na Europa, mas também de uma gestão integrada das medidas de prevenção nas empresas.

Este resumo foi redigido por Veronique Letourneux para a Fundação



PUBLICAÇÕES

PUBLICAÇÕES RELACIONADAS

As publicações da Fundação estão à venda junto dos agentes de vendas oficiais da UE ou do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, L - 2985, Luxemburgo. Sempre que os preços não são indicados, o documento é grátis e está disponível, a pedido, junto da Fundação.

1. **Precarious Employment and Working Conditions in the European Union.**
Nº Cat. SF-12-98-821-EN-C
ECUs: 30.00
2. **Precarious Employment and Working Conditions in the European Union.**
(Resumo)
Nº Cat. SX-08-97-880-EN-C
3. **The Second European Survey on Working Conditions (1996).**
(apenas em disquete)
Nº Cat. SX-05-97-414-EN-C
ECUs: 16.00
4. **Working Conditions in the European Union.** (Resumo)
Nº Cat. SX-05-97-414-EN-C
 - Um disco com os dados brutos pode ser obtido na Fundação, mediante pedido e sob determinadas condições.

5. **First European Survey on the Work Environment (1991-1992).**
Nº Cat. SY-75-92-114-EN-C
ECUs: 22.50
6. **First European Survey on the Work Environment (1991-1992).**
(Resumo).
Nº Cat. SY-75-92-477-EN-C
7. **Gender and Working Conditions in the European Union.**
Nº Cat. SX-12-98-207-EN-C
ECUs: 30.00
8. **Gender and Working Conditions in the European Union.**
(Resumo)
Nº Cat. SX-12-98-215-EN-C
9. **Time Constraints and Autonomy at Work in the European Union.**
Nº Cat. SX-09-97-389-EN-C
ECUs: 20.00
10. **Time Constraints and Autonomy at Work in the European Union**
(Resumo)
Nº Cat. SX-08-97-888-EN-C

NOVAS PUBLICAÇÕES

1. **Working Hours and Working Conditions**
2. **Employee Participation and Health and Safety in Europe**

Para mais informações sobre este projecto, contacte:
Dimitrios Politis,
Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho,
Wyattville Road,
Loughlinstown,
Co. Dublin, Ireland,
Tel.: + 353 1 204 3140,
fax: + 353 1 2826456/2824209,
e-mail: dimitrios.politis@eurofound.ie.

Copyright: Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho. Reprodução autorizada, excepto para fins comerciais, desde que a fonte seja reconhecida e uma cópia enviada à Fundação.

Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho

Wyattville Road, Loughlinstown, Co. Dublin, Ireland

Tel: + 353 1 204 3100

Fax: + 353 1 282 6456

E-mail: postmaster@eurofound.ie.

EF/97/41/PT



SERVIÇO DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS
DAS COMUNIDADES EUROPEIAS

